SOCIABILIDADES, SUBJETIVIDADES E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA IMPRENSA DOS ANOS 20

SOCIABILITY, SUBJECTIVITIES AND REPRESENTATIONS OF GENDER IN THE PRESS OF THE 20S

Raimundo Nonato de Castro[1]
Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti[2]

Resumo
A cidade de Recife dos anos 1920 acompanhou a divulgação em jornais e revistas de modos e modelos a serem seguidos por homens e mulheres. No entanto, a década de 20 ocasionou uma profunda transformação na maneira de como as mulheres e homens se comportavam e/ou adquiriam novos costumes. Enquanto os homens procuravam assegurar a sua condição de chefe de família, as mulheres gradativamente assumiam um papel de independência em relação aos costumes dominante. Agora elas ocupavam espaços de trabalho e deixavam, em alguns casos o lar e o cuidar dos filhos para os homens. O objetivo deste artigo é apresentar o quanto os jornais e revistas do Recife construíram modelos de mulheres a partir da escrita dos homens, que ocupavam as suas redações.
Palavras-Chaves: Mulheres; Gênero; Revistas; Jornais; Recife.

Abstract
The city of Recife in the 1920s accompanied the dissemination in newspapers and magazines of ways and models to be followed by men and women. However, the 1920s the caused to a profound transformation in the way women and men behaved and/or acquired new customs. While men sought to secure their status as head of household, the women gradually assumed a role of independence in relation to the dominant customs. Now they occupied workspaces and left, in some cases, the home and childcare for men. The objectives of this articles to present how much the newspapers and magazines of Recife buit models of women from the writing of men, who occupied their editorial.
Keywords: Woman; Gender; Magazines; Newspapers; Recife.

Em 1925, o *Almanach Illustrado Pernambucano* trazia aos seus leitores e leitoras a história do marido de dona Eugênia. Entre charadas, propagandas de cigarros e de estabelecimentos comerciais, era possível conhecer um pouco o

[1] Doutor em História Social da Amazônia (2018), UFPA - PPHIST. Professor EBTT do IFPA e da Licenciatura em História. Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cultura, Educação e Política - GICEP.

[2] Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. Docente do PROFEPT-Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica e da Licenciatura em História do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará. Integra a equipe do projeto "Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos", financiado pelo edital universal do CNPq, no interior do qual orienta pesquisas de Iniciação Científica, especialização e mestrado.

cotidiano de Feliciano, um inditoso marido que era solenemente recebido com gritos, empurrões e, até mesmo bofetadas pela sua esposa. Nas duas páginas destinadas à história, dona Eugênia era retratada como um verdadeiro demônio em figura de gente. Os vizinhos sabiam do tormento do pobre Feliciano. O quão infelicíssimo era este marido que fazia de tudo para evitar as investidas da esposa. Eles eram casados há muitos anos e, segundo a história, Feliciano não via a hora de libertar-se de dona Eugênia.

O marido já havia recorrido as muitas tentativas de libertação sem resultados animadores e, assim, encontrava-se desalentado quando encontrou um amigo dotado de longa prática de mulheres. Durante o encontro com o cidadão *expert* em assuntos femininos, seu Feliciano entre outras coisas ouviu que era necessário energia para nunca se deixar avacalhar[3] pela mulher, ficou sabendo que no casamento uma das criaturas deveria ser mais forte e, evidentemente, esta criatura deveria ser o homem. Seu Hemetério alertou Feliciano sobre o perigo de ser o fraco na relação e o aconselhou a ausentar-se de casa até que a esposa, não suportando mais a lacuna deixada pelo marido, solicitasse sua volta. Seguindo os conselhos, assim fez o marido de dona Eugênia, ausentando-se por uma semana até a chegada da carta da esposa implorando sua volta e prometendo suicídio caso ele não a atendesse. Tudo levava a crer na mudança da esposa e seu Feliciano correu para casa em pinotes exatamente como o trem da *Great Western*.[4] No entanto, o final da história surpreende Hemetério e todos os leitores e leitoras. O casal não se reconcilia, nem termina feliz para sempre. Ao contrário, Feliciano ao final da história, aparece internado no Hospital Pedro II, com o rosto todo deformado e com braços e pernas quebradas, vítima da violência de sua esposa dona Eugênia (*Almanch Illustrado Pernambucano*. Recife: 1925. p. 116).[5]

[3] Segundo o dicionário da UNESP do português contemporâneo a palavra significa “expor ao ridículo; desmoralizar” (BORBA, 2011. p. 144).

[4] A GREAT WESTERN era uma companhia inglesa responsável pela construção de estradas de ferro no Brasil e desde 1875 desenvolvia seus serviços em Pernambuco. Além de passageiros, transportavam também os principais produtos da região como açúcar e algodão. *A Great Western of Brazil Railway Company Limited,* logo ficou conhecida no país como *"Greitueste"*. (PINTO, 1949).

[5] O *Almanach* custava 3$000 e divulgava charadas, literatura, informações etc. Localizado na Biblioteca Pública Estadual (BPE).

Feliciano é um marido pouco enérgico, aparece como o homem cordial, resignado frente ao temperamento intolerante e agressivo da esposa, seu lugar é o da vítima. Já Eugênia quebra completamente o estereótipo da fragilidade e doçura feminina, seu lugar é o da dominadora, do algoz. Construções relacionais de gênero. Seus lugares são definidos a partir da oposição construída entre eles mesmos. Só através da descrição do cotidiano do casal emergem as assimetrias de poder entre Feliciano e Eugênia. Mas, por que esse enredo nos soa tão incomum? Será por que nossa concepção sobre os lugares sociais de homens e mulheres já está completamente cristalizada? Por que narrar nos anos 1920 este tipo de história? São provocações que nos acompanharão ao longo desse artigo. Porém, adiantamos que a questão da representação discursiva é fundamental para compreendermos as assimetrias de gênero que informaram e informam ainda nossas práticas culturais. Isto porque a representação do gênero é também sua construção e o discurso é um *locus* privilegiado de disputa de significados sociais, pois, nele estes significados podem ser revisados e subvertidos (FUNCK & WIDHOLZER, 2005, pp. 9-11).

Histórias de casais aparentemente pouco convencionais, como Eugênia e Feliciano, foram recorrentemente divulgadas em revistas e jornais do Recife nos anos 1920. Mulheres avessas à autoridade do marido, destoando do lugar consagrado à mãe cuidadora de filhos, homens submissos aos gostos e poderes das esposas, responsáveis pelo cuidado com os filhos e com o lar, protagonizaram muitas das histórias lidas pelos moradores e moradoras da cidade. Então, se pensarmos as páginas da imprensa como um espaço escriturístico do qual nos fala Michel de Certeau, podemos inferir o quão significativo foram estes fragmentos de discursos sobre os lugares ocupados por homens e mulheres no espaço urbano. Podemos entender a escrita jornalística, uma prática permeada de valores circulantes no social, como espaço privilegiado onde se articularam ideias sobre as práticas sociais e a produção de um discurso visando universalizar a heterogeneidade dessas mesmas práticas (CERTEAU, 2002, pp. 221-230).

Como intermediária e interventora social, a imprensa produziu concepções de masculino e de feminino, apoiou certos modelos e ridicularizou outros que acanhadamente passavam a emergir. Esse movimento configurou-

se através da veiculação de crônicas ou de notícias. Outras vezes ainda, sob a forma de piadas, provérbios e quadrinhos, produzindo impactos diferenciados. Portanto, nosso objetivo neste artigo é conhecer os homens e mulheres de papel, não abstratos, porém, plenos de materialidade, que surgiram nas revistas ilustradas e nos jornais diários dos anos 1920 e perceber que gênero, valores e símbolos são mobilizados nesta produção de um Homem e de uma Mulher do século XX.

A Imprensa do Recife no Jogo de Identidades

O Recife dos anos vinte era um empório comercial e não apenas praça de açúcar, era porto e praça, era a Faculdade de Direito e a recém inaugurada Faculdade de Medicina; cidade das Escolas de Engenharia e de Comércio e ainda cidade da comunicação, com uma imprensa considerada por Souza Barros a melhor do período e região, por distribuir seus jornais pela *Great Western*, com atraso de apenas um dia. (SOUZA BARROS, 1985, pp. 73-74). Notícias, produtos, valores, opiniões, imagens e discursos circulando, estreitando espaços geográficos, alterando a noção de tempo e, muito lentamente, uniformizando visões de mundo. Os considerados grandes jornais e as revistas circulavam na cidade imprimindo suas marcas no cotidiano permeado de tensões entre o antigo e o novo. Ainda segundo Souza Barros (1985), no jornalismo, certos nomes se afirmavam porque o seu campo saía do tipicamente literário, passando na segunda década a apresentar aspectos do social, exigências de inconformismo, pensamentos mais ligados à terra e à vida que todos levavam bem ou mal. Também Antônio Paulo Rezende destaca que através dos jornais e revistas, a cidade era visitada nos seus detalhes, nos seus modos e modas (REZENDE, 1997, p. 65).

Nas mesas de bares e cafés, os intelectuais do Recife reuniam-se para conversar, socializar suas produções e provavelmente definir as pautas de algumas das publicações do período ou o tema de sua coluna do dia seguinte. À época, a imprensa como divulgadora de ideias centralizava um poder enorme. Por isso, para Souza Barros (1985), não se podia admitir um intelectual se ele

não aparecesse na imprensa. Nas suas palavras, a grande porta da imprensa foi transposta na era dos 20 por intelectuais de marcado relevo – vindos, sobretudo, dos bancos acadêmicos, cheios de idealismo, ingressando de peito aberto nas lides incruentas do pensamento e da ação, a serviço da comunidade (1985, p. 152). Para Iranilson Oliveira, na década de 20, a imprensa enquanto um hipertexto informativo e comunicativo tinha uma forte atuação, e os jornais, segundo ele, funcionavam como dispositivos de poder capazes de aglutinar opiniões divergentes, se impondo enquanto um "carro-chefe" no cenário da informação contribuindo para que a engrenagem industrial se fizesse ainda mais presente no seio familiar (OLIVEIRA, 2002, p. 194).

Apesar destas considerações, é necessário acentuar que, nos anos 1920, os jornais e revistas ainda não possuíam o volume e acabamento com os quais estamos acostumados hoje. *O Diário de Pernambuco*, por exemplo, durante toda a década de vinte, manteve uma quantidade de páginas que oscilava entre dez e dezesseis, sendo ainda a maioria dedicada à propaganda. De certa forma, o corpo do jornal era composto por quatro, cinco páginas, repletas de variadas informações e notícias. Mas, numa década em que os preços da entrada dos cineteatros variavam entre 800 réis e 3$200 réis e o preço do jornal avulso oscilava entre 200 e 300 réis e onde ainda não existia um forte mercado editorial de livros, a imprensa, portanto, pode ser pensada como um significativo símbolo de uma outra sociabilidade que começava a ser erguida no início do século passado.

Como protagonistas desta outra sociabilidade nomeada de moderna, as mulheres e, mais especificamente suas práticas, foram alvo privilegiado de muitos colaboradores das revistas e jornais do Recife. Interessante acentuar que muitos dos intelectuais vistos como renovadores, por Souza Barros, insistiram, em suas publicações na imprensa, em um lugar tradicional para o feminino, divulgando valores decinomônicos que condicionaram grandemente a vida das mulheres. Isto numa época em que práticas femininas, promoviam deslocamentos na ideia de feminilidade estabelecida. Não de forma isolada, uma vez que colaboravam com os discursos religiosos, jurídicos e médicos, estes colaboradores produziram muitos dos significados doravante atribuídos ao gênero feminino, pois suas narrativas divulgaram e naturalizaram certa

identidade de gênero, uma vez que este, entendido como uma identidade cultural, não tem uma base imutável que se mantém a mesma no decorrer da história (BUTLER, 2003).

Dona Eugênia, figura feminina da história contada acima, exemplifica a operação de desnaturalizar, e novamente naturalizar, alguns atributos femininos condicionantes de uma pretensa feminilidade. Operação bastante ambígua e cheia de rancores, vale destacar, pois, naquela história, a determinado tipo de mulher é apresentada como desestabilizadora da vida conjugal, violenta, quase uma aberração. Como aceitar a ideia de muitas mulheres não terem o casamento naquele período como projeto de vida? Ou como aceitar a iniciativa de muitas delas de terem poder de decisão na vida conjugal? Muitas das charges, crônicas e notícias publicadas neste período nos mostram que eram estes alguns dos mais recorrentes questionamentos feitos e, provavelmente, representações femininas como Eugênia foram uma forma de reação à desestabilização de uma instituição – o casamento – sempre tão valorizada e associada às mulheres. Parece que a família higiênica – com a mulher amorosa, mãe cuidadosa e o homem, pai protetor – triunfava a duras penas.[6] O trabalho como objetivo de muitas delas e o aumento do nível de escolaridade pode estar associado a uma visão menos ingênua do casamento, uma mudança de postura bastante lamentada no período:

> (...) Que tristeza! Essas preocupações de dinheiro, não se inscreviam no coração das moças e rapazes de outrora. As conveniências materiais do casamento eram entregues aos cuidados das famílias. Para os rapazes e para as moças era o amor inicialmente, a razão suprema. Amavam-se. O resto era secundário. Ah! *Le beau vieux temps*! (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*. 10/09/1927, p. 4.).

Este trecho de Thercio Rosado Maia responsável pela matéria sobre *"Les beau vieux temps"* apresenta as mudanças nas relações entre os gêneros e nas concepções de amor e casamento construídas no início do século XX. O articulista salienta que o amor não era mais o único motor dos matrimônios e que as preocupações materiais se faziam presentes na escolha do cônjuge. Mas, o

[6] Sobre os esforços médicos e do Estado na construção do ideal de família consultar COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

amor era mesmo o motor das uniões matrimoniais no passado? Para a historiadora Mary Del Priore, no século XIX os motivos do casamento continuavam a passar longe do coração (2005, p. 156). Na verdade, o cronista idealiza as relações amorosas do passado como forma de acentuar as características que o incomodavam no comportamento amoroso das moças e rapazes de seu tempo, porque, de fato, entre as famílias abastadas, o casamento geralmente foi considerado um negócio muito sério, não envolvendo gostos pessoais.

Porém, Thercio Rosado Maia, sobretudo, delineia a praticidade da vida e as respostas dos jovens e das jovens a esse "novo tempo" que passa a ser construído em oposição aos "belos velhos tempos". Os interesses nas relações matrimoniais, sempre presentes, tornavam-se agora mais explícitos. Para este articulista da seção Femina – seção do *Diário de Pernambuco* dedicada ao público feminino – nos novos tempos havia a promiscuidade da vida entre os sexos, pois estes estavam reunidos a toda hora nos mil e um campos. Observa que outrora as moças tinham namorados, solícitos, atenciosos e, muitas vezes cheios de cerimônia; hoje têm companheiros, amiguinhos. As mulheres eram agora apresentadas, em tom de lamento, como práticas, pouco românticas, ousadas.

Contudo, contrariando o tom do artigo deste jornalista, a Revista *O Fogo*, semanário crítico, político e noticioso divulgou, em maio de 1923, um artigo intitulado "As Moças", assinado por Madame Georgette, provavelmente um pseudônimo.[7] Em forma de conselho, procurava mostrar às moças os inconvenientes do amor, procurando mostrar-lhes as vantagens de serem práticas. Embora entendesse o amor como um sentimento muito sublime, Madame Georgette defendia a efemeridade deste sentimento e achava que as moças deveriam ficar cientes disso:

[7]Luís do Nascimento no seu livro História da Imprensa de Pernambuco, ao falar do periódico *O Fogo* não esclarece se Madame Georgette era um pseudônimo. No entanto, como o nome aparece em negrito junto com os nomes dos demais colaboradores e de seus pseudônimos, acreditamos que o grifo significa incerteza quando a identidade desta figura. Ainda segundo este pesquisador, *O Fogo*, circulou no Recife de 1823 a 1924. No entanto, na Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco só encontramos um exemplar incompleto deste periódico que em 1924 teve a denominação alterada para *Rua Nova* (NASCIMENTO, 1982. pp. 160-161).

> Viver de amor, é viver sozinha, é viver afastada de todos e de tudo. É ter um pensamento único, vendo uma só coisa, tendo uma só idéia. É uma vida sublime, deliciosa, é mesmo divina. Mas, tudo passa (*O FOGO*, 1923).

Algumas mulheres nas primeiras décadas do século passado ouviram os conselhos de Madame Georgette e mudaram o lugar do amor, ou do matrimônio, na pauta de suas aspirações. Em tom de brincadeira, algumas, inclusive, chegaram ao extremo de encararem os homens como inimigos. Ao menos a resposta da senhorita Helena Rocha, vencedora do concurso humorístico promovido pela Revista *A Pilhéria* expressa certa mágoa dos homens:

> O que as mulheres desejam, no mundo com mais ardor,
> É transformar em escravo
> Quem delas se diz senhor (*A PILHERIA*, 1921)
>
> .

Publicados na seção “Perguntas Indiscretas”, os versos de tal senhorita respondiam à pergunta dos editores da revista: Qual a coisa no mundo que as mulheres mais desejam? O concurso teve grande participação feminina e três vencedoras. Mas, embora a participação das mulheres na revista fosse frequente e os editores tivessem apelado para que isso acontecesse – como vimos na publicação do primeiro exemplar –, *A Pilhéria* veiculará insistentemente piadas sobre as preocupações femininas, diferentes do casamento. Num tom jocoso e irônico, os articulistas não perdiam tempo em ridicularizar o avanço delas nos postos de trabalho:

> Foi nomeada para o cargo de terceiro oficial do povoamento do solo dona Mercedes Rocha, seguindo telegrama procedente do Rio. Acho bastante acertada semelhante nomeação, pois é verdade firmada que a mulher nasceu talhada para essa nobre função (*A PILHERIA*, 03/09/1921).

Além de ironizar as novas ocupações femininas, a piada ainda reforça o papel tradicional de reprodutora. Há a insistência em não deixar que as mulheres esqueçam esse pretenso “inexorável destino”. É importante observar que o discurso sobre a maternidade, vista sempre como algo inato, “da natureza da mulher”, esteve sempre presente quando se tratou de limitar a saída das mulheres para o mundo público. Em outra matéria intitulada “Triunpho do

Feminismo" vemos o desenho do que seria o 'lar moderno': o marido de avental, cara sofrida com as crianças penduradas sobre ele e a mulher, na sala de visitas, fumando e conversando com a amiga. Acompanha esse quadro, assustador para a época, os seguintes versinhos:

> Enquanto o pobre marido
> Com retorcidos bigodes
> Contempla, assaz compungido
> Os filhos pintando o bode
> A esposa refestelada
> Mantém, com bastante ardor
> Discussão acalorada
> Sobre política e amor (*A PILHERIA*, 30/06/1922).

A figura do marido novamente emerge como vítima. O lar aparece como uma bagunça, com os filhos desgovernados e a esposa dedicando-se a uma tarefa completamente fora do prescrito para as mulheres. A piada representa, provavelmente, cenas que passavam a ser mais recorrentes, mais visíveis no espaço urbano. Além disso, insinua como práticas não convencionais da feminilidade custaram a ser aceitas de forma tranquila e, como a saída das mulheres para o mundo público não transformava o *status* delas diante dos seus contemporâneos, pelo menos não dos que se expressavam nas dezenas de revistas que estavam circulando. O quadro da condição feminina pintado acima procura mostrar os inconvenientes da politização das mulheres e, o homem, um ser que sofre a maior das humilhações, cuidando dos afazeres domésticos. Mostra ainda que temas como o amor agora eram debatidos, já que as relações entre os casais, a instituição de um matrimônio deixava cada vez mais de passar pelo crivo dos pais. Portanto, a revista nos induz a pensar que as relações de gênero iam se alterando dentro do lar, onde, geralmente, são mais lentas as transformações. Será? Ou melhor, terá sido de forma tão enfática e generalizante como nos levam a pensar? Por que divulgar esse quadro? O que ele representava nos anos vinte? Alerta aos homens? Alerta às mulheres?

Pensamos que *A Pilhéria*, como analisaremos neste artigo, mesmo sendo uma revista humorística, não pode deixar de ser pensada como um significativo veículo de representação social. E pensá-la assim é entender que este veículo de comunicação está discutindo, produzindo, reproduzindo e, principalmente, dando circularidade às ideias, aos modelos, às aspirações, entre tantos sentimentos, de uma determinada sociedade. Isto porque, retomando o conceito de Chartier, uma revista traz em seu contexto todo um emaranhando de ideias que, ao serem interpretadas e

contextualizadas, permitem, de muitas e diferentes formas, que os múltiplos sentidos construídos historicamente em um dado momento se tornem visíveis (CHARTIER, 1988, p. 17).

Homens e mulheres: presença marcante nas páginas dos magazines e periódicos

E, no Recife dos anos 1920, visualizando as representações construídas em torno das mulheres, os rapazes passaram também a mudar sua postura diante do sexo oposto e começaram a receber conselhos de como se construir para estabelecer relações com aquelas durante tanto tempo vistas como fadas:

> As fadas de hoje "flirtam" e dançam o "charleston", gostam de automóvel e querem "bungalow"... Modernas! É essencial sermos mais do nosso tempo, e sabermos que as mulheres são todas lindas e, além de lindas, humanas e frágeis. A lição há de servir-nos um dia. E nós deixaremos então de acreditar na suave mentira das fadas. Linda mentira (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 28/08/1927, p. 7).

O que seria este homem do seu tempo? Homens desconfiados e inseguros? Embora indique como a masculinidade também é um projeto social e relacional, os conselhos acima de Peregrino Júnior, outro colaborador da seção Femina, indicam a desconfiança masculina quanto ao comportamento de muitas mulheres. Ele não apresenta os atributos deste dito homem do seu tempo, mas não perde tempo em delinear a figura feminina, apontando alguns hábitos das fadas modernas: o *flirt*, a dança, o gosto pelos automóveis e por habitações confortáveis. Peregrino Júnior representa as mulheres de seu tempo e não se esquiva de ressaltar a fragilidade como traço que permanece nas agora mulheres modernas. O trecho então insinua como há um descompasso entre a situação das mulheres no tempo e a forma como elas são representadas, com certas características insistentemente reforçadas, levando muitos a acreditarem numa natureza feminina. São discursos como este publicado no *Diário de Pernambuco* que vão criando as supostamente naturais diferenças entre homens e

mulheres; são estes discursos que socialmente constroem uma pretensa natureza feminina e uma natureza masculina (SCOTT, 2000).

Lendo as páginas do *Diário de Pernambuco* uma parcela significativa de homens e mulheres no Recife se defrontavam com muitos outros símbolos socialmente compartilhados sobre eles e elas. Defrontavam-se também com uma série de investimentos para que estes símbolos definidores dos gêneros não fossem questionados. A seção Femina era o espaço do jornal que assumia diretamente este empreendimento de divulgar e construir a feminilidade: moda, elegância e a vida no lar e na sociedade. Era uma seção de uma página, repleta de símbolos e conceitos normativos: dicas de casa, modelos de vestidos, normas de conduta das mulheres solteiras e das mulheres casadas, receitas, opiniões, orientações para o corpo e para cuidar dos filhos etc. [8]

Importante destacar que nenhuma das matérias sobre o feminismo e seus avanços no Brasil e no mundo foi publicada nesta "Seção feminina", nos levando a pensar que de fato havia uma atenção especial na seleção dos temas a serem publicados. A opção de não publicar notícias, inclusive, é uma das características destas seções apresentadas como femininas, segundo Dulcília Buitoni. Para quem, a periodicidade deste tipo de publicação, geralmente semanal ou quinzenal, a faz distanciar-se do fato atual, e o não uso da categoria informativa lhe dá um caráter mais "ideológico" (BUITONI, 1981, p. 2). A seção Femina expressa um conjunto de ideias, valores e opiniões procurando homogeneizar o mundo das práticas, trata-se de um conjunto de valores, representações e enunciados que fazem parte de uma prática social que apaga as diferenças entre os sujeitos. Nada está implícito nas páginas dos jornais dos anos 1920. Há um discurso que confere existência às coisas e às pessoas nas páginas da imprensa e as naturalizam, fazendo com que elas apareçam como aquilo que está sendo dito sobre elas (VEYNE, 1998, p. 252).

Assim, a prática escriturística da imprensa - através das seções Femina do *Diário de Pernambuco*, Mundo Feminino da Revista *Mascote* e Matronas e Melindrosas *d'A Pilhéria*, entre outras – foi criando uma gramática sobre as mulheres e homens do

[8] A seção FEMINA entrou em circulação no segundo semestre de 1927, mais especificamente, em 02 de julho de 1927. Manteve regularidade durante este período e durante todo o ano de 1928, sendo publicada aos domingos. Em1929 a coluna deixa de aparecer no jornal. Além desta coluna, supostamente direcionada para as mulheres, o Diário de Pernambuco veiculou uma seção denominada MAGASINE durante toda a década de vinte. No entanto, esta seção não possuía uma regularidade quanto aos dias da semana e nem mesmo costumava aparecer todas as semanas. Entendi que a lógica de sua aparição era a disponibilidade de espaço na edição do jornal.

Recife, um discurso, parafraseando Paul Veyne (1998), cheio de preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas. Discursos estes perigosos porque, ao serem expostos, ganharam em muitos casos um caráter científico, articulando um conceito de mulheres bastante homogêneo entre muitos contemporâneos. Nesta gramática, elaborada por aqueles que ocupavam as páginas das revistas e jornais, as mulheres deveriam ser ditas como sinônimo de prudência, justiça, fortaleza e temperança, quase seres não terrenos:

> Prudência... para não se alterar quando as coisas lhe desagradam.
>
> Justiça... para reconhecer os méritos e faltas do marido.
>
> Fortaleza... para suportar os males.
>
> Temperança... para ter em tudo justa medida. (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 20/11/1927, p. 7).

Ser esposa e não seguir as “quatro virtudes cardeais das mulheres” era motivo de recriminações doméstica e pública. Emergindo de lutas anteriores pela emancipação política, econômica e sexual, as mulheres das primeiras décadas do século passado que não deram ouvidos a conselhos como o acima divulgado sofreram críticas diretas e indiretas, algumas destas apelando para o riso, tentando conter comportamentos que desestabilizavam a ideia de uma feminilidade imutável. Geralmente as opiniões contrárias ao comportamento adotado por algumas mulheres se valiam de oposições, da polarização “mulher tradicional versus mulher moderna”, fomentando inclusive a não solidariedade de gênero. Apresentada como extravagante, prática, interesseira “as mulheres modernas” deveriam ser temidas e combatidas pelas “mulheres sérias, direitas”, pois aquelas poderiam minar a tranquilidade dos seus lares, seduzindo seus maridos ou namorados.

Figura 1. ***“Ciúmes da esposa Honesta”, Capa da Revista* A Pilhéria. *10/1921. BPE.***



Um bom exemplo deste jogo de construção de identidades apresentado aos leitores e leitoras da cidade pode ser analisado no jornal *Diário de Pernambuco*. Em matéria intitulada “Mademoiselle Século XX”, após destacar as características das chamadas “mulheres modernas”, o colaborador César de Magalhães relata uma história deveras interessante sobre o encontro de duas mulheres, uma do “tipo século XX”, e outra, provavelmente “tipo XIX”:

> A propósito, viajamos a bem pouco tempo, na “Chemin de fer” bahiana, em companhia, isto é, no mesmo comboio de uma senhorinha tipo século XX, que dominava o carro com o seu espírito travesso e irrequieto, moderno. Nunca víramos mulher igual. Era um homem em tudo, mesmo nos trajes de cavaleira. A certa altura, creio que Entre Rios, linda matutinha tomou o trem e foi colocar-se vis a vis da tal mademoiselle. Talvez sentido com o desvio que sofreram os olhares do seu rosto para o rosto da sertaneja, Mademoiselle tanta diabruras e mangações lhe fez que a pobrezinha se viu obrigada a trocar de lugar, mas não sem um protesto terrivelmente adequado e verdadeiro na sua rusticidade: - Eu sou matuta, viu; mas não me troco por vancê não, seu home escandeloso (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 03/07/1927, p. 7).

O relato de César de Magalhães opõe dois modelos de feminilidade. A “senhorinha tipo século XX”, com um espírito travesso, irrequieto, moderno e em tudo igual a um homem, contrapõe-se ao feminino recatado, não escandaloso. Já não tímida, delicada ou submissa, as mulheres modernas ideais eram retratadas como enérgicas e sociáveis. Representadas ou criadas de forma irônica, vale a pena destacar. Porém, além desta criação de uma identidade para “as mulheres” de um século relativamente

recente, o discurso mobilizado apresenta elementos que contrariam suas perigosas homogeneizações. Insistindo na leitura, percebemos como os comportamentos destacados são geograficamente diferenciados. De certa forma, o articulista limita as mulheres "tipo século XX" ao espaço urbano, mostrando que nem todas as mulheres contemporâneas do século em curso adotavam os hábitos por ele mobilizados na sua frágil definição do feminino.

Mas o próprio jornal *Diário de Pernambuco* delimitava fronteiras em suas páginas para as mulheres e os homens que destoavam dos modelos de feminilidade e masculinidade divulgados por seus colaboradores. As ébrias e as prostitutas, as violentas e as violentadas, os homens brutos e ciumentos, as relações tensas e assimétricas entre os gêneros – com personagens bem diferentes de Eugênia e Feliciano – percorriam as suas páginas de uma forma muito discreta. Suas práticas de existência, cheias de dinamismo, explodindo qualquer tentativa de aprisionamento em um nome, apareciam de forma nebulosa na coluna FATOS DIVERSOS. Coluna tão móvel no jornal quanto as personagens que apresentava. Nunca a primeira, mas podia ser a segunda ou a quarta página; poderia estar no topo ou no final da página e ainda poderia ser longa - com os casos mais curiosos, trágicos e inusitados da cidade e do estado - ou curta.

Os espaços percorridos eram outros. A história de Joana de Matos, embriagada percorrendo as ruas da Regeneração e do Imperador, altas horas da noite, sendo detida por um rondante do cais por ofender a moral ou a história de Minervina Vasconcelos, moradora da Rua 1º de outubro, distrito de Santo Amaro, espancada com um cacete, de madrugada em sua casa, pelo seu ex-companheiro Manoel Rosário Magalhães (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 04/01/1925, p. 2), provavelmente, não representariam de forma harmoniosa a mademoiselle século XX, aliás, tornariam muito mais complexa a tarefa dos definidores destas mulheres tipo século XX, modernas, brancas, atléticas e assépticas. No entanto, histórias como estas estavam presentes nos jornais; curiosas, trágicas ou engraçadas mostram como os homens e as mulheres: os populares, experienciavam a feminilidade e a masculinidade de múltiplas formas, rompendo com pretensas naturalizações, mesmo pagando um preço muito alto por isto.

Marcia Castillo Martín (2003) comenta que a escritora Virgínia Woolf ironizava, em 1928, a surpresa que lhe causava o enorme interesse que a mulher como tema de estudo despertava na época. Isto porque entre as publicações dos anos vinte abundavam as dedicadas à "questão feminina", muitas delas guiadas por certezas e afirmações dos seus autores que se erigiam como "especialistas em feminilidade". Na

imprensa também emergiram muitos dos “especialistas” e “analistas” da feminilidade e, provavelmente, César de Magalhães, no Recife, era um deles. Era ele uma das muitas vozes que procuravam definir as mulheres dos anos 1920 e, em suas matérias, estas definições eram carregadas de perigosas oposições e naturalizações. Ao delinear práticas e valores adotados frente ao mundo e frente ao masculino por suas contemporâneas, este homem, com um discurso legitimado pelo lugar de sua fala, institui um modelo de feminino.

Ao mobilizar as expressões “Tipo século XX”, “Mademoiselle Século XX” nos mostra algumas das estratégias adotadas para nomear algumas das suas contemporâneas, ou seja, para suprimir a diversidade e homogeneizar no discurso os comportamentos femininos. Discursos homogeneizadores e que criavam efeitos de verdades. Michel Foucault, em seu texto Poder e Saber, destaca como se criam os efeitos de verdade ligados aos sistemas de informações: quando alguém, um locutor de rádio ou de televisão, lhe anuncia alguma coisa, o senhor acredita ou não acredita, mas isso se põe a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciado daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora (FOUCAULT, 2003). Embora trate de sistemas de informações atuais como rádio e televisão, acreditamos que suas argumentações podem ser estendidas à imprensa e pensadas para o período aqui abordado, visto serem os jornais e revistas constitutivos do sistema de informação predominante na cidade nos anos 1920.

Inclusive, a estratégia narrativa adotada pelo colaborador do jornal *Diário de Pernambuco* nos dá indícios para pensarmos a lucidez sobre o lugar de sua fala, a preparação para mostrar-se como aquele que informa, jogando, seduzindo e chamando a atenção de seus leitores e leitoras: “Conhecem-na?” De chofre esta pergunta abre sua matéria de 03 de julho de 1927. Retoricamente mobiliza a curiosidade de muitos que convivem com muitas mulheres adeptas das práticas salientadas por ele, mas que não têm o seu lugar social, o espaço de sua página, a autoridade a ele conferida para apresentar-lhes de forma universalizante quem eles conhecem de forma fragmentária e singular. Os leitores e leitoras conhecem mulheres múltiplas em suas ações, em seus desejos e medos, mas não conhecem “Ela”, a “Mademoiselle Século XX”. Então, depois de aguçar os sentidos dos leitores e leitoras do jornal, inicia sua descrição minuciosa, detalhando corpo e alma deste ser que ele não sabe se é digno de admiração ou de piedade:

> Mademoiselle usa cabelos à la garçonne, à ingleza, à Rudolph Valentino, à demi garçonne, a isto, a aquilo outro. Geralmente é seca e esguia de corpo, uma mulher de pé e que sofre de charlestonite. (...) Tem faces rubicundas e lábios mais vermelhos que o sangue estuante do golpe de um toureiro. O vestido, quero dizer, os dois metros de fazenda, ora deixar ver as raízes dos seios ora sobe aos joelhos, quando não apresenta simultaneamente ambas as exibições (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 30/07/1927).

A apresentação pública de algumas mulheres, a adoção por cânones de beleza diferentes das de suas antepassadas, de fato despertou os olhares dos contemporâneos, gerou desconfianças e um intenso debate em torno da identidade feminina. Numa época em que as identidades homens/mulheres passavam pelas diferenças anatômicas para serem estabelecidas, César de Magalhães não poderia definir sua mademoiselle de forma diferente: cabelos curtos, corpo esguio, face e lábios vermelhos e, poucas roupas. Imagens desta mulher proliferavam, como a destacada logo abaixo:

Figura 2. ***"A estética da mulher moderna".***



FONTE: ***Detalhe da capa*** **d'A Pilhéria** ***de 31/12/1921.***

Provavelmente uma estética perturbadora para ele e para muitos outros homens. Porém, ele não se ocupa apenas de criar um corpo para sua "mulher século XX", atribui-lhe valores de espírito e, de certa maneira, alerta para os perigos dos que cruzam à sua frente, assegurando que todos são vulneráveis a esta "nova mulher":

> É frívola, fútil, sem espírito, escondendo, todavia, sob estes aparentes defeitos, a imortal astúcia da serpente, em cujas redes se emaranham veneráveis intelectuais e os mais eruditos perspicazes (*DIARIO DE PERNAMBUCO*, 03/07/1927).

Frívola. Fútil e astuciosa. Uma serpente. Símbolo da perdição dos personagens bíblicos. Embora, desde o século XIX, a Igreja Católica tenha começado a divulgar uma nova imagem da mulher, que deixa de ser vista como a Eva pecadora, como um ser astuto e diabólico sempre pronto a seduzir os homens, César de Magalhães permanece divulgando esta imagem negativa do feminino (CASTELO BRANCO, 1996, p. 113). A ligação feita entre as mulheres e alguns animais, ou mais diretamente entre a mulher e a natureza também continua uma prática muito recorrente e, no mais das vezes, para imputar-lhe uma natureza. Contemporâneo de César de Magalhães, embora geograficamente distante, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, entre 1923 e 1927, valeu-se de referências a animais e plantas para legitimar a desigualdade entre homens e mulheres, uma desigualdade baseada exatamente nas diferenças físicas e, numa suposta diferença de espírito:

> Si intentamos imaginar el alma de una planta, no podremos atribuirle edeas ni sentimientos: no habrá en ellas más que sensaciones, y aun éstas vagas, difusas, atmosféricas. La planta se sentirá bien bajo un cielo benigno, bajo la blanda mano de un viento suave: se sentirá mal bajo la borrasca, azotada por nieve inverniza. La voluptuosidad femenina es acaso, de todas las humanas impresiones, la que más próxima nos parece de la existencia botánica (MARTIN, 2003, p. 52).

E se as mulheres se assemelham em alguns aspectos às plantas, em outros se relaciona com a vida animal, especialmente em sua irracionalidade. O homem experimenta em seu trato com as mulheres a “mágica” sensação de estar tratando com um ser que, ainda sendo humano, carece de razão:

> El animal es también irracional, pero no es persona; es incapaz de darse cuenta se si mismo y de respondernos, de darse cuenta de nosotros. No cabe trato, intimidad com él. La mujer ofrece al hombre la mágica ocasión de tratar a otro ser sin razones, de influir en él, de dominarlo, de entregarse a él sin que ninguna razón intervenga (MARTIN, 2003, p. 52).

Características atribuídas a muitas das mulheres que aspiravam à igualdade política e de oportunidades nas décadas iniciais do século XX. Mulheres que despertavam admiração e medo ao desfilarem pelo asfalto das avenidas, ao passarem sob os olhares dos distintos senhores e das distintas senhoras ou ainda, sob os olhares, segundo César de Magalhães, dos "derretidos almofadinhas". Sim, pois estas mulheres que emergiam das páginas da imprensa e de intelectuais tinham um companheiro de percurso no novo século, o homem tipo "Século XX", com uma estética tão indefinida quanto a dela. E estas mulheres criadas de forma tensa, alvo de todas estas objetivações possuíam ainda, segundo seus criadores, uma rotina estranha, uma sexualidade indefinida:

> Com todas essas qualidades características, Mademoiselle parece-nos sexualmente indefinível. Levanta-se como todo homem, e vai às 8 horas de trabalho. Ama as joias e as sedas, comparece ao tênis. Frequenta as colunas dos jornais. Voa como qualquer andorinha no espaço. Exerce todas as funções do homem (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 03/07/1927).

Como todo homem, exercendo as funções do homem, voando literal e metaforicamente. A definição do feminino, mobilizada neste trecho, parece apontar para essa dificuldade permanente da ausência de conceitos que operem eficientemente nas indagações a respeito do que caracteriza um homem e uma mulher.[9] Dificuldade nos anos vinte e dificuldade contemporânea. Será que há de fato uma possibilidade de nos definirmos enquanto homem e mulher?! Mas... Continuemos no passado. Voar pelos céus como Juliette Brille. Voar nas páginas da imprensa como Beatriz Delgado. Voar sem sair das calçadas como muitas anônimas. Práticas femininas que tensionaram as fronteiras entre homens e mulheres nos são apresentadas neste trecho, com a própria constituição da identidade de um e outro aparecendo como questionável segundo os padrões até então vigentes. Cabelos curtos, agilidade física e determinadas atividades não eram mais exclusivas do masculino. Assim, as matérias vão definindo um e outro, vão sugerindo formas de praticar o gênero, de usar o corpo e, em geral,

[9] Sobre esta discussão consultar MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal estar na sociedade contemporânea. In: *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2003. p.39.

vão apagando as diferenças e instituindo modelos. Porém, estas naturalizações do feminino, este jogo de ressaltar qualidades, não era feito de forma tranquila, sem embates. Nos discursos que procuravam representar estas mulheres do século XX, algumas ideias chocam-se e outras se aproximam, demonstrando a fragilidade de muitas das argumentações.

Assim, no próprio *Diário de Pernambuco* encontramos uma matéria negando a fragilidade como traço das ditas mulheres tipo século XX: Mulher, o sexo frágil? Não. A matéria é assinada da Itália por um colaborador do jornal chamado Gabriel D'Annunzio. Em três páginas ele delineia as mulheres do novo século e as opõe enfaticamente a suas antepassadas: autônoma, ágil, vigorosa, intelectualizada e sincera. Além disso, dedica-se a descrever o corpo destas "novas mulheres" e os aspectos mais significativos de suas personalidades. Como a maioria dos que escreviam, mostra a forma destas mulheres encarar o casamento e de se relacionar com os homens, de igual para igual. Segundo ele, as mulheres do século XX não se serviam de seus ardis para lograr seus objetivos, pois acreditavam na sua capacidade; tinham um caráter mais forte do que sua avó e respeitavam, mas não temiam, seus maridos:

> Não se vende, nem pelo casamento, nem por meio de relações ilícitas, mas fecha com o homem um contrato que lhe assegure a ela uma família no mesmo pé de igualdade. Já que não obedecerá mais, mas não ameaça desrespeitar. Sua fidelidade ao homem com que se casa é cláusula do contrato que conclui dignamente, de igual para igual e, quando posta à prova, mostra-se forte e mais nobre do que a lealdade e fidelidade de sua avó, da qual procede a cláusula "obedecer". Seu respeito ao marido não é o respeito que tem o escravo ao seu senhor e que resulta do medo, mas o respeito de igual. Somente os iguais podem cultivar um verdadeiro respeito mútuo. Eis aí a mulher do século vinte (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 08/05/1927).

A matéria ressalta um novo lugar para as mulheres dentro da sociedade e as relações sociais estabelecidas com o outro sexo. Embora com tantos atributos positivos e renovadores – construídos arbitrariamente contrários aos de suas antepassadas –, parece que o casamento é a única coisa que não se alteraria nos gostos destas novas mulheres. O discurso reforça a noção do casamento como instituição indissolúvel. A família e o marido são

insistentemente associados às mulheres. Segundo a historiadora norte-americana Nancy Cott, nos EUA, graças a discursos como estes, o casamento tornou-se muito popular no período entre as duas guerras (COTT, 1991). Maria Lúcia Mott e Marina Maluf também afirmam que nas primeiras décadas do século XX, os discursos procurando cristalizar certos papéis femininos, como a mãe e esposa, foram muito comuns (1998, p. 373).

O jornal não apenas nos informa sobre os novos papéis desempenhados pelas mulheres urbanas de classe média no cenário moderno, cria uma ideia de feminilidade, através do discurso homogeneizante. Destrói-se o estereótipo das mulheres "sexo frágil", e, por outro lado, termina-se por cair na armadilha das definições, da categorização do feminino, descartando a multiplicidade de se viver o gênero. As mulheres do século vinte, assim, vão sendo construídas em total oposição a suas antepassadas, como se as permanências não fizessem parte da história ou como se fosse possível apagar toda uma educação repressora, disciplinadora, formadora de homens e mulheres de décadas anteriores. Sem falar que as questões de classe social fortemente influenciam nas maneiras de viver a feminilidade, a masculinidade e o casamento. Assim, a forma de homens e mulheres manterem relações conjugais nas camadas populares, ao menos como aparece na seção "Fatos Diversos", estava bem distante deste modelo veiculado pelo articulista. O "contrato" de casamento estabelecido entre Júlio Manoel da Silva, vulgo "molequinho", e Maria Calixta da Silva estava longe da igualdade idealmente atribuída às "Mulheres do Século XX". Ele, segundo a notícia, tomado de fortes ciúmes, não titubeou quando, penetrando na residência localizada na Rua das Hortas, feriu nas costas a mulher com quem vivia (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 07/04/1927). E algo parecido fez Severiano, que há muito vinha perseguindo Antonia Maria do Carmo, por esta não querer mais viver em sua companhia. De madrugada, na residência, agrediu a mulher, produzindo-lhe contusões nos braços (*DIARIO DE PERNAMBUCO*. 08/04/1927). Respeito mútuo? Não nessas relações que emergem desse encontro com o poder, que ganham visibilidade nas páginas dos jornais e insistem em quebrar a harmonia de discursos tão cruelmente articulados.

De acordo com Alômia Abrantes da Silva (2000), será na construção de um "novo feminino" que a imprensa atuará nos anos vinte como instância modelizadora de subjetividades. Ameaça e sedução são, no seu entender, as marcas da feminilidade emergente nas páginas dos anos vinte, que muda hábitos, cenas, que exige posturas diferenciadas na prática de viver a cidade, mesmo onde as permanências ainda se fazem presentes. Já Martín destaca que este rompimento com os cânones estéticos e sociais, ao menos na Espanha dos anos vinte, foram interpretados imediatamente como uma vulnerabilidade da natureza. Em suas palavras:

> "la adopción de nuevos cánones de belleza o de comportamiento social, tan evidentes durante los años veinte en que las mujeres comienan a acceder a nuevas actividades, estudios o profesiones, no se interpreta como uma liberación femenina sino como la pérdida de su verdadera identidad y como una voluntad de contentar a la propia época, de integrarse en ella, en un momento que la estética se decanta por las formas 'masculinas'" (2003, p. 50).

Portanto, acreditando nesta perda de identidade feminina, muitos homens como César de Magalhães, Peregrino Júnior e Ortega y Gasset e, algumas mulheres[10], publicaram seus escritos descrevendo e analisando o comportamento de suas contemporâneas. Também o jornal *Diário de Pernambuco* veiculou insistentemente, entre os anos dez e os anos trinta, uma série de artigos e reportagens que falavam da crise da identidade feminina e a associavam à crise da instituição familiar. Crise esta, segundo Durval Muniz de Albuquerque, vista como motivada, em grande medida, pelo amplo movimento de nivelamento social, que estaria se refletindo na mudança de comportamento das mulheres que começavam a contestar a forma hierarquizada da família dita patriarcal e buscavam o nivelamento com os homens (ALBUQUERQUE Jr, 2003, p. 39). Porém, para esse historiador, as mudanças temidas eram mudanças que, em si mesmas, nada tinham de antinaturais, já que também os pássaros fazem suas mudas e alguns animais como a raposa, perdem sua pele (2003, p. 41). O

[10] Para exemplos de mulheres que em seus escritos expressaram a preocupação com esta suposta crise de identidade, recomendo a leitura da dissertação de Alômia Abrantes da Silva. *As escritas femininas e os femininos inscritos:* imagens de mulheres na imprensa paraybana dos anos vinte. Recife: UFPE, 2000.

que estava ocorrendo no início do século XX, entretanto, era de escandalizar, pela indiferenciação que estava originando naquilo que a natureza teria tão bem diferenciado. Talvez por isso, por essa preocupação em "entender" a crise do feminino, os artigos que versavam sobre as mulheres tivessem na Revista *Mascote* um espaço tão destacado.[11]

Em 1924, as leitoras desta revista ilustrada quinzenal encontraram artigos, ocupando quase todo o espaço da página denominada "Vida Frívola", analisando nada menos do que elas mesmas. Um destes textos intitulados "A Mulher...", escrito pelo cronista Elio num tom "historiográfico", focalizava a maneira como, ao longo da história, as mulheres foram nomeadas pelos filósofos, como elas expressavam seus sentimentos e por que eram semelhantes aos homens, ao menos em um aspecto. Em seus argumentos, aparentemente - apenas aparentemente - favoráveis às mudanças nos comportamentos femininos, insiste, como muitos dos seus contemporâneos, em referir-se às mulheres como Eva.

Segundo ele, no mau humor dos filósofos que se compraziam em falar mal de Eva, as mulheres eram uma criatura de cabelos compridos e sentimentos curtos; destaca ainda que existia no passado, numa espécie de epidemia literária, a irrupção de axiomas hostis às mulheres. Também relata que, desviados da corrente feminófoba, havia os que não consideravam a mulher anjo, nem a tachavam de demônio, classificando-as nada mais nada menos como um homem de sexo diferente. Tece suas "análises" sobre diferenças e semelhanças entre homens e mulheres logo após "historiar" estas maneiras de encarar o feminino. Para ele, de fato, não havia uma grande diferença entre a psicologia dos homens e das mulheres e havia, pelo menos, um ponto de inteira semelhança:

> É que as mulheres, quando têm de referir-se aos homens, procedem exatamente como eles: ora os comparam a todas as coisas hediondas, classificando-os de falsos, frios, perversos; ora demonstram por um (ou mais de um) ardorosos entusiasmos, sem perder entretanto, o hábito de deprimir o

[11] *A MASCOTE* era uma revista ilustrada quinzenal que começou a ser publicada em novembro de 1924, obedecendo ao formato de 25x18, com 32 páginas e custando o exemplar avulso 600 réis. Segundo Luis do Nascimento, A Mascote publicou até 17 de fevereiro de 1925. Contudo, na Biblioteca Pública Estadual localizamos apenas um exemplar incompleto. Mais informações sobre este periódico (1982, pp. 193-194).

> sexo, por simulação ou *coquetterie*. Em suma, os homens e as mulheres são dois seres que se guerreiam, mas, que não podem viver separados, ou antes, guerreiam-se para melhor se unirem; simples estratagema de que lançam mão afim de ver se mais enganam o lado contrário e o dominam (*MASCOTE*, 1924).

O que dizer de uma argumentação tão bem estruturada como essa?! Talvez tenham sido discursos como estes que fizeram muitas historiadoras das mulheres soçobrarem na tarefa de enfrentarem verdades que parecem óbvias e universais. O articulista aproxima o comportamento de homens e mulheres, procura mostrar-lhes como eles não são tão diferentes assim em seus propósitos e procedimentos de conquistas. Afirma, categoricamente que homens e mulheres não podem viver separados. Numa estratégia singular, mas não isolada, estabelece semelhanças e não diferenças entre os gêneros.

Todavia, dentre muitas outras possibilidades de análise, entendemos que seu discurso não deve ser visto como algo positivo, embora, aparentemente lógico. Isto porque os textos, como este do articulista Elio, devem ser analisados levando-se em conta o contexto de sua produção. Num momento em que cada vez mais mulheres começavam a forjar seus próprios projetos de vida, a almejarem algo mais que um casamento, a desatrelarem suas histórias da dos homens – por mais que isso hoje seja questionado –, o discurso do articulista apresenta-se, como estratégico. Estratégico no propósito de manter consolidada a instituição casamento. Estratégico no propósito de apresentar a heterossexualidade como universal e natural. Para isso, sua retórica reveste-se de um tom adulatório para as mulheres, recurso na mesma época utilizado pelo filósofo Ortega y Gasset quando de suas análises depreciativas sobre o feminino.[12]

Entendemos que textos como o deste articulista são desafiadores, pois nos forçam ao exercício da leitura sintomática, aquela que procura a historicidade destes mesmos textos, que procura os arranjos sociais em que estavam inseridos, indicando os projetos sociais neles defendidos. Não é a

[12] Sobre o uso da adulação ou bajulação nos discursos masculinos sobre as mulheres consultar MARTÍN, Marcia Castillo. “De corzas, climas, vegetales y otras feminidades: Ortega y Gasset y la idea de feminidad em los años veinte”. In: **Separata de la Revista de literatura y cultura España Contemporânea**. Tomo XVI, n°. 1. 2003.

preocupação com o que está oculto que orienta esse tipo de leitura, mas é a radicalização do ofício do historiador. É dar visibilidade ao que já está na superfície e nos recusamos a ver. Esta leitura sintomática nos leva à descrição arqueológica, aquela que não busca um outro discurso, mais oculto, mas mostra a especificidade do discurso, seguindo-o ao longo de suas arestas exteriores para melhor salientá-lo, descrevendo sistematicamente um discurso-objeto (FOUCAULT, 2005, pp. 153-158). E insistindo no discurso do articulista Elio, seguindo suas reentrâncias, nos deparamos com a fragilidade de sua defesa das mulheres e com seu entendimento do feminino:

> Quem poderá dizer hoje que a mulher é uma criatura de cabelos compridos e sentimentos curtos? Os seus mais ferrenhos ou convencionais inimigos poderão, num desvario, manter a última acusação contida no aforismo de que foi autor Schopenhauer, mas, todos eles estão inibidos de referir-se a cabelos compridos, pois, raras os possuem e estas mesmo é que são apontadas como desprovidas de sentimentos (*MASCOTE*, 1924).

Sua suposta correção do aforismo do filósofo Arthur Schopenhauer resume-se aos aspectos físicos, a destacar os cabelos curtos femininos. De fato, muitas mulheres não mantinham mais os longos cabelos a orná-las. O próprio Elio em outros artigos de sua coluna “Vida Frívola” não deixava de destacar como se tornou mais recorrente o cabelo curto nas suas contemporâneas. Contudo, agora acrescenta como o hábito dos cabelos curtos foi objetivado por aqueles que viveram nas décadas iniciais do século passado: as mulheres de cabelos curtos eram desprovidas de sentimentos, provavelmente, de nobres sentimentos. Aliás, seu artigo apenas atualiza a expressão misógina do filósofo alemão do século XIX, confirmando as mulheres como serem de sentimentos curtos. O discurso do articulista insiste em pontos fundamentais da cultura cristã ocidental: o cabelo longo como símbolo do feminino, de diferenciação entre elas e os homens, e a questão da diferença de sentimentos que rege o masculino e o feminino. Permanências na forma de representar as mulheres e atualização do lugar de divulgação destes insistentes discursos.[13]

[13] Sobre os ideais cristãos sobre as mulheres consultar PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Interessante notar que a *Mascote*, dirigida por Aládio Amaral, divulgava artes, letras, variedades, informações, vulgarização científica, problemas nacionais, propaganda do nordeste e atualidades. No seu expediente[14] havia uma nota destacando a colaboração dos melhores elementos intelectuais e artísticos de Pernambuco, e de outros estados. O expediente ressaltava ainda que a *Mascote* tinha circulação intensa no Nordeste, com representantes em todas as capitais brasileiras e vendagem avulsa em Maceió, Paraíba, Natal e Fortaleza. Portanto, o raio de propagação das ideias expressas por seus colaboradores era bem vasto e, embora não fosse uma "revista feminina", através das seções "Vida Frívola" e "Mundo Feminino" expressavam e divulgavam claramente, para outras paragens, a concepção de mulheres que predominavam na Revista. E a criação, na verdade a atualização, de mais um dos atributos de feminilidade culturalmente imputados às mulheres pode ser percebido em outra de suas matérias.

Publicada na seção Mundo Feminino, a revista trazia um texto com a seguinte chamada: "A Graça (Baroneza de Staffe – Os meus segredos)". O texto aparecia entre duas modelos desenhadas com roupas para o verão – um vestido e um conjunto de bermuda e camisa de mangas longas. Versando sobre a arte de agradar, o artigo, trecho do livro de uma baronesa, citava exemplos de mulheres que mesmo sem serem bonitas, dominaram corações rebeldes, porque a graça e a graciosidade eram a sua poderosa sedução. Segundo a baronesa, a graça consistia em pequeninas coisas como um olhar expressivo, uma ligeira atenção, uma palavra amável dita a propósito e a tempo, o aspecto, o vestuário e mil outros pequeninos atrativos indefiníveis (*MASCOTE*, 1924).

Considerações gerais

A trajetória de homens e mulheres dos anos de 1920 publicados especialmente nas páginas de jornais e revistas demonstram o quanto a graça é construída como característica exclusiva do feminino. São as mulheres que

[14] Expediente era o espaço na primeira página da publicação que continha informações sobre o diretor e profissionais responsáveis, endereço, tiragem e preço, etc.

devem, conforme os textos, investirem na construção das pequeninas coisas que as tornariam graciosas e, os fragmentos de vida das mulheres descritas importam, portanto, por seu caráter de exemplaridade.[15] Os textos divulgados não acenam com a possibilidade de os homens construírem sua graciosidade, ou serem eles graciosos. As mulheres deveriam seduzir os homens, mesmo aqueles rudes e grosseiros. Elas mudariam, se tornariam graciosas. Eles permaneceriam os mesmos.

Os maridos deveriam ser os dominadores. E quando essa "ordem natural" era alterada as mulheres passaram a ser vistas como fora do convencional, basta lembrarmos do casal Eugênia e Feliciano, que tiveram sua história expostas nos periódicos e magazines do Recife dos anos 1920. As mulheres que se tornavam avessas à autoridade do marido, passaram a ser consideradas o oposto do lugar que deveriam ocupar, qual seja: aquele consagrado à mãe cuidadora de filhos. Caso os homens estivem numa condição de submissão aos gostos e poderes das esposas, havia uma clara manifestação pública de mudança deste modelo. Os homens, portanto, não deveriam se ocupar com os cuidados dos filhos e do lar. Contudo, muitas histórias com essas características chegaram aos leitores, provocando, indignação em uns e risos em outros.

Referências

O FOGO. Ano 1, n.2. 14/05/1923. Coleção Pernambucana - BPE.

REVISTA *MASCOTE*. Ano 1, n°. 1, novembro de 1924. BPE.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **Nordestino**: Uma invenção do falo - Uma História do Gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

BORBA, Francisco S. (org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. Curitiba: PIÁ, 2011.

BUITONI, DULCÍLIA. **Mulher de Papel***:* a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**: a condição feminina em Teresina na primeira república. Teresina: FCMC, 1996

[15] Sobre a divulgação de biografias nos periódicos femininos, consultar: GARCIA, Janaína A. B. "Mulheres Exemplares: vidas contadas no Anuário das Senhoras de 1953". In: *Revista Eletrônica História Hoje*. Vol.2. n°.5. novembro – 2004.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2ªed. RJ: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1988.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COTT, Nancy. A Mulher Moderna: o estilo americano dos anos vinte. In: THÉBAUD, Françoise. (dir.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. "Poder e Saber". In: **Ditos e Escritos**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FUNCK, Suzana Bornéo; WIDHOLZER, Nara. **Gênero em Discursos da Mídia**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2005.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras.1998.

MARTÍN, Marcia Castillo. "De corzas, climas, vegetales y otras feminidades: Ortega y Gasset y la idea de feminidad em los años veinte". In: **Separata de la Revista de literatura y cultura España Contemporânea**. Tomo XVI, n°. 1. 2003.

NASCIMENTO, Luís. **História da Imprensa de Pernambuco**. Vol. VIII. Recife: Editora Universitária, 1982.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Tese Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINTO, Estevão. **História de uma estrada-de-ferro do Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. Recife: S.O.S Corpo, 2000.

SILVA, Alômia Abrantes da. **As escritas femininas e os femininos inscritos**: imagens de mulheres na imprensa paraybana dos anos 20. Recife, Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 2000;

SOUZA BARROS, M. **A década de vinte em Pernambuco** (uma interpretação). Recife: FCCR, 1985.

VEYNE, Paul. **Foucault Revoluciona a História**. 4 ed. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1998.